



EMPIRE and **TOURISM**

AN ANTHOLOGY OF ESSAYS

COORD.

Maria João Castro

LISBON
2019



IMPÉRIO e TURISMO

ANTOLOGIA DE ENSAIOS

COORD.

Maria João Castro

LISBOA
2019



TÍTULO/TITLE

Império & Turismo. Antologia de Ensaios
Empire & Tourism. An Anthology of Essays

COORDENAÇÃO/COORDENATION

Maria João Castro

BOOK DESIGN/GRAFISMO

Pedro Serpa

EDIÇÃO/EDITION

ArTravel

APOIO/SPONSOR

CHAM | FCT

IMPRESSÃO/PRINTED AT

Gráfica 99

Capa a partir de folheto da Exposição Colonial do Porto 1934 e de
folheto das Pousadas-Portugal — Edição SNI

1.^a EDIÇÃO: ABRIL 2019

ISBN: 978-989-99719-2-9

DEP. LEGAL: 452248/19

Nota Introdutória e texto da contracapa traduzidos por Vanessa Boutefeu e financiados pelo CHAM.

This book had the support of CHAM (FCSH/NOVA-UAc), through the strategic
projected sponsored by FCT (UID/HIS/04666/2019).

CHAM | Centro de Humanidades — Centre for the Humanities NOVA FCSH — UAc

Projecto estratégico (UID/HIS/04666/2019)



COLEÇÃO ARTRAVEL V



ÍNDICE

Nota introdutória / Introductory note	7/9
---	-----

PARTE I

Guilherme d'Oliveira Martins	13
<i>Do «Grand Tour» aos exploradores modernos</i>	
Alexandre Ramos	17
<i>Angola Pullman e outras viagens cinematográficas</i>	
<i>nos Caminhos de Ferro de Benguela</i>	
Célia Reis	27
<i>Propostas Turísticas em Macau no primeiro quarto do século xx</i>	
Emília Ferreira	35
<i>Entre ilhas e piratas. Abordagem ao lado b do pensamento imperial</i>	
Eunice Duarte / Fernando Vasques Felizardo	47
<i>À descoberta do Império Colonial Português. Do passado ao presente</i>	
Francisco Silva	57
<i>Turismo em Angola: Desenvolvimento sustentado</i>	
<i>do Parque Nacional do Iona</i>	
Joana Lucas	73
<i>Império e Turismo: a «missão civilizadora»</i>	
<i>francesa entre as colónias e a metrópole</i>	
Nuno Abranja	81
<i>Turismo e cooperação: fatores essenciais para potenciar</i>	
<i>o desenvolvimento de um «turismo colonial».</i>	

Rui Zink	91
<i>Desculpe, não vi</i>	
Sílvia Espírito-Santo	103
<i>O 1º Cruzeiro de Estudantes às Colónias (1935)</i>	
— «uma excursão onde havia de tudo»	
Vítor Sá	113
<i>As colónias portuguesas e o turismo: a visão dos guias de turismo</i>	
PARTE II	
Geoffrey Quilley	125
<i>Empire and Tourism in British India c. 1780-1825:</i>	
<i>The Artistic Travels of William Hodges and Charles Ramus Forrest</i>	
Sarah Ligner	141
<i>Participations des Artistes à l'image touristique de l'empire colonial français</i>	
Andreja Trdina / Salla Jutila	155
<i>'Repackaging' empire: neo-colonial discourse of alternative travellers</i>	
Monica Palmeri	167
<i>A «truly Italian» colony: the promotion of tourism</i>	
<i>during the Italian Fascist dictatorship</i>	
Pieter François	175
<i>Demetrius Boulger and how the debate on Leopold II's</i>	
<i>rule of the Congo Free State changed British perceptions of Belgium</i>	
Sílvia Espírito-Santo	183
<i>The 1st Student Cruise to the Colonies (1935): 'A Multi-Faceted Excursion'</i>	
NOTAS / NOTES	193

PROPOSTAS TURÍSTICAS EM MACAU NO PRIMEIRO QUARTO DO SÉCULO XX

CÉLIA REIS

IHC-FCSH NOVA

Macau é uma cidade imediatamente associada ao jogo e assim acontece há mais de um século, embora tenha ocorrido uma mudança essencial na sua forma, essencialmente a partir do final da década de 1920, primeiro com a inauguração do campo de corridas de cavalos (1927)¹ e alguns anos mais tarde com a introdução de jogos de casino.

O que se pode considerar como o turismo na colónia portuguesa esteve associado a uma transformação que se começou a operar no século XIX, atraindo alguns visitantes e dando lugar à publicação de notas de viagem ou de guias.² Os roteiros no Oriente passaram regularmente a integrar a colónia e funcionários, militares em missão ou simples viajantes deixaram algumas imagens da cidade, considerando paisagens físicas, sociais ou mesmo políticas.³ Porém, o seu número era limitado, pelo que a atração de mais pessoas, considerando a imagem da colónia e as suas consequências económicas apresentavam-se de grande importância para as autoridades.

Nesta comunicação procura-se sintetizar as perspectivas que Macau encontrava no turismo, entre o início do século XX e as transformações acima referidas. Embora haja algumas publicações que equacionaram alguns destes pontos,⁴ aqui procura-se uma nova e mais abrangente leitura desta questão.

MACAU,
MONTE CARLO DO ORIENTE

A designação de Macau como Monte Carlo do Oriente é antiga, tendo já sido esta a expressão utilizada como título do capítulo relativo a Macau no livro que Frederic Courtland Penfiel publicou em 1907.⁵ Todavia, ela era comum, como se pode verificar até pela utilização da designação na publicidade de um hotel local.⁶ No entanto, aqui não se encontravam casinos, como muito salientou o jornalista espanhol Luiz Otenza, já no final da década de 1920.⁷ A razão encontrava-se no facto de aqui não se praticarem os jogos comuns nos estabelecimentos europeus.

Com efeito, a colónia portuguesa caracterizava-se pelas múltiplas lotarias, com um raio de abrangência muito vasto, alargado a muitos portos orientais, e pelos jogos de origem chinesa, particularmente pelo *fantan*. Era para este que existiam vários estabelecimentos, que atraíam a atenção dos visitantes europeus que vinham a Macau, que descreviam o jogo e o exotismo do lugar, pela sua decoração e pela separação física dos jogadores conforme as categorias sociais.

Um outro jogo com grande impacto, mas característico do Ano Novo chinês, era o *clú-clu*, jogado então nas numerosas bancas estabelecidas por toda a cidade.⁸

Estes jogos atraíam os visitantes de Macau, mas eram estes eram maioritariamente dos espaços circundantes, que aqui chegavam pela fronteira terrestre ou pelas numerosas embarcações pelo Rio do Oeste, entre as quais se encontravam as que ligavam a Hong Kong. Nesta geografia em volta da colónia portuguesa estava proibido o jogo, pelo que uma parte desses visitantes a procuravam para se dedicarem a essa atividade. A ela juntava-se outra prática, que integrava igualmente o rol dos vícios: fumar ópio, nos vários estabelecimentos a tal dedicados. Como escrevia o governador Álvaro de Melo Machado, no início da República, «precisamente o jogo e o opio são os factores que tornam Macau ainda muito frequentados pelos chinas, que não encontram nos pontos próximos outro centro que

tão facilmente lhes permita a satisfação dos correspondentes vícios atávicos, e portanto insuperáveis».⁹

Sem casinos à europeia, Macau era, portanto, um Monte Carlo oriental, o que implicava duas considerações exatamente paralelas:

Por um lado, a justificação da exploração destes vícios encontrava-se na mentalidade sínica, como bem expressam as palavras daquele governador. Essa mesma consideração fazia recusar a abertura de empreendimentos para jogos de casino conforme as formas ocidentais (por exemplo, proposto por A. Vernon),¹⁰ mas também fundamentava o seu necessário aproveitamento. Neste último ponto saliente-se o seu valor na economia de Macau: só o *fantan* equivalia a 24,6% das receitas totais, a que acresciam os rendimentos das diversas lotarias; o exclusivo do ópio valia 21,3%. No seu conjunto, este e o total de jogos perfaziam mais de 50% dos proventos da colónia.¹¹

Por outro lado, a consciência deste facto perturbava as consciências, exatamente pelas mesmas razões que a justificavam: esta dependência podia ser ameaçada pela evolução¹² e esta também tornou cada vez mais preocupante a ligação da colónia à sua imagem como centro de vícios. Progressivamente procurou-se ultrapassá-la. Um texto escrito aquando da participação de Macau na Exposição de Sevilha, em 1929,¹³ é significativo, desmentindo a caracterização como o Monte Carlo chinês, conforme se encontrava num folheto publicado por duas companhias de navegação — ou seja, não obstante esta anterior designação, a sua divulgação nesta época ganhou agora novas conotações aos olhos dos responsáveis pela colónia; contra ela salientou-se, para além da tradicional ligação dos chineses ao jogo, a limitação do comércio do ópio, seguindo as convenções internacionais e realçaram-se os aspetos históricos, naturais e patrimoniais.¹⁴

Estas afirmações realizaram-se numa fase em que também se procurava um novo rumo para Macau, de que o novo porto era um dos principais sinais. A atração turística, que ultrapassasse o campo atrás descrito, mostrava-se igualmente importante.

PENSAR O TURISMO

A ideia de que Macau poderia constituir uma zona de atração de turistas esteve geralmente associado a duas perspectivas diferentes: o do campo cultural e o do espaço de cura e repouso.

As várias publicações referentes a Macau, em revistas e nas páginas dos guias ou outros livros, mostravam diferentes panoramas associados ao património de Macau, à Praia Grande, ao movimento marítimo ou a diversas paisagens da colónia e dos seus habitantes.¹⁵ Esse era também o ângulo de quem oferecia tal destino, como se pode verificar pela descrição feita, por exemplo, no relatório relativo à participação na Exposição no Rio de Janeiro. Aí se encontra um território onde o espaço e a história se entrelaçavam com o seu «interessante relevo orográfico», que «exibe perspectivas admiráveis»; neles a «formosa e pitoresca cidade», caracterizado por ser «o mais antigo aglomerado urbano fundado por europeus no Estremo-Oriente», apresentava ao visitante «arruamentos típicos, edifícios, velhas igrejas, pagodes, vetustas fortalezas, jardins e monumentos, tudo digno de ser visto, e ainda a célebre Gruta de Camões, rodeada de selectos exemplares da flora semi-tropical duma impressionante beleza, e onde o imortal épico compôs algumas das estâncias dos LUZÍADAS», sendo o seu vusto frequentemente visitado por pessoas de diferentes proveniências.¹⁶ Ou seja, uma descrição que pretendia essencialmente mostrar um espaço em que ocidente e oriente se entrecruzavam, onde a história portuguesa assumia um relevo essencial, mas em convívio com aspetos diferentes.

Este lugar formado pela intersecção cultural, embora com uma evidente manifestação política e económica, foi igualmente realçado posteriormente na Exposição em Sevilha, onde a opção foi por uma construção baseada no pagode de Ma Kok Miu, ou da Barra, associado ao «bom entendimento entre os portugueses que a governam e habitam e os chineses que ali vivem».¹⁷

Nesta época também se destacava o progresso que a colónia tinha conhecido nos últimos anos, visível na abertura de ruas modernas e de infraestruturas, numa clara abertura aos turistas.¹⁸

De carácter diferente, embora naturalmente associado a este, era a consideração de Macau como um possível espaço de turismo de saúde, aspeto que ganhou relevo importante na colonização.¹⁹ Esta capacidade assentava essencialmente no clima a colónia, melhor do que o dos espaços em redor; era, por essa razão que muitos habitantes de Hong Kong para aqui vinham na estação quente.²⁰

Esta perspetiva encontrava-se claramente enunciada pelo seu governador, em 1900, quando, com o apoio dos serviços de saúde, pretendeu transformar Macau num sanatório e para aí atrair pessoas do Extremo Oriente. Aliás, o governo americano chegou a colocar a possibilidade de compra do Hotel Bel Vista, em Macau, para aí estabelecer um estabelecimento congénere para os convalescentes das Filipinas.²¹

Foi também desta natureza a justificação encontrada pelos franceses, em 1901. Nesse ano procuraram adquirir diversos edifícios em Macau para que aí recuperassem os seus doentes de Tonquim e Saigão, mas causaram grande apreensão às autoridades macaenses, que receavam que tal constituísse uma forma de expansão.²²

Ultrapassado tal perigo, esta vertente manteve-se como um ponto essencial na continuidade dos planos de mudança de paradigma de Macau. Para além de outras expressões, a leitura do relatório da representação na exposição do Rio de Janeiro é muito significativa: entre os objetivos da mesma encontrava-se, para além do papel comercial, a propaganda da sua dimensão turística a par da potencialidade como estação de cura e repouso.²³

Para esta promoção assentou-se, compreensivelmente, na divulgação dessas potencialidades através de elementos científicos. Na mesma exposição estiveram presentes 250 exemplares da tese que António do Nascimento Leitão apresentara no Congresso de Medicina Tropical em Batávia sobre este clima.²⁴ Nos anos seguintes este médico continuou a publicar alguns títulos dedicados ao mesmo tema,²⁵ sendo continuado por outros colegas.²⁶

A PROMOÇÃO

Foi sobretudo a partir no final deste período que se assistiu a uma maior preocupação com a transmissão da imagem de Macau, realizada através de eventos e da publicação de diversos elementos.

Depois de uma presença pouco expressiva na exposição de Paris, em 1900, o evento do mesmo tipo que se destinou à comemoração do primeiro centenário da independência do Brasil contou com uma comissão que, não obstante se queixar da forma apressada como teve de resolver a representação, equacionou claramente os objetivos suprarreferidos. Aqui, para além de se contar com o trabalho de António do Nascimento Leitão, projetou-se uma fita preparada por Manuel Antunes Amor, superintendente das escolas municipais, que mostrava «a velha e linda cidade» assim como «aspectos da sua vida social e económica». Os organizadores esperavam ainda vir a contar com o *Anuário de Macau* para 1922, contendo «interessantes e úteis informações para os forasteiros que aqui nos queiram visitar». Quanto aos objetos chineses que para aqui foram enviadas, grande parte eram provenientes da própria China e apenas vendidos em Macau; foram quase todos comprados, pelo interesse do Governo local, considerando-se que dariam «uma interessante e encantadora nota de exotismo», e ideias sobre a arte chinesa «gerada, desde tempos incontáveis, neste bloco de tradições, de lendas e de mitos que é a China, devassado pelos portugueses em princípios do século XVI». Além disso também existiam «produtos chineses para europeus, arte industrializada», produto da exportação para a Europa e América, que, apesar de comuns aos destes continentes, mostravam as potencialidades económicas da China e Macau, onde eram manufaturados.

Mais tarde, em 1926, foi na própria colónia que se realizou a Exposição Industrial e Feira,²⁷ naturalmente que de incidência mais localizada.

No final da década voltou a haver uma aposta mais alargada, com a participação na exposição de Sevilha, voltando-se a uma demonstração cultural e económica, mas agora também acrescida pela publicação de

monografias evidenciando as capacidades e desenvolvimento de Macau: com introdução do próprio governador publicou-se *Monografias, Artigos, Mapas, Gráficos Estatísticos Coligidos para a Representação da Colónia de Macau na Exposição Portuguesa de Sevilha*²⁸ e, da autoria de Jaime do Inso, surgiu o livro *Macau. A Mais Antiga Colónia Europeia no Extremo-Oriente*.

Esta década caracterizou-se pela construção do novo porto, que se apresentava como uma esperança de mudança, e foi justamente o departamento associado à gestão desta infraestrutura que se interessou pela publicação de folhetos evidenciando igualmente os pontos de atração: *Macao. A handbook*,²⁹ e *A Visitor's Handbook to Romantic Macao*,³⁰ além de outras obras.³¹

Nesta fase, para além de se assistir também à abertura de mais alguns hotéis, saliente-se a exibição através de outra forma: as viagens aéreas, portuguesas ou estrangeiras, noticiadas em muitos países.

PALAVRAS FINAIS

Em Macau, no primeiro quarto do século xx, o turismo foi, como temos visto, mais do que a atração de pessoas para a cidade: eram muitos os chineses que aqui vinham para jogar, no espaço onde o podiam fazer, mas as preocupações com o turismo iam muito para além deles.

Saliente-se que estas as capacidades turísticas que se enunciaram, atraindo pela paisagem física e humana ou como estação de cura e repouso, estavam associadas ao que mais se pretendia: a alteração do padrão económico de Macau e, com ele, da sua própria colonização. Numa fase em que as apetências estrangeiras sobre os territórios dominados pelos portugueses continuavam a fazer-se sentir e em que progressivamente os seus principais rendimentos eram condenados, pretendia-se mostrar uma outra imagem do colonizador e da colónia.